



A  
**Biblioteca  
Cosmos**  
e  
a propagação  
das luzes


29 jul. ~ 29 out. '22

Eis o propósito da Biblioteca Cosmos, exposto por Bento de Jesus Caraça, seu fundador e único diretor, por ocasião da apresentação do volume inaugural, *O homem e o livro*, de M. Iline.

Volvidos sete anos, a Biblioteca Cosmos havia publicado 106 títulos, em 145 volumes, com uma tiragem total de 793 500 exemplares. Este apuro, excepcional na época, deve-se ao editor Manuel Rodrigues de Oliveira e consta nas páginas do derradeiro volume publicado na coleção, subseqüente ao falecimento de Bento Caraça.

O êxito da iniciativa foi, pois, inequívoco: os interessados corresponderam à campanha de assinaturas que antecedeu o início da publicação, a cadência de edição revelou-se elevada, as reedições foram frequentes e a parcela de originais de autores portugueses publicada constituiu-se maioritária.

Para quem acreditava que «cultura e liberdade identificam-se» e enunciara a «lei de apropriação ou de integração progressiva» do património cultural comum, a criação e a direção da Biblioteca surgiam como dever pessoal, histórico e cívico.



«Dar ao maior número o máximo possível de cultura geral, tornar acessível a todos (...) uma visão geral do mundo, mundo físico e mundo social, da sua construção, da sua vida e dos seus problemas.»

Só a educação popular permitiria a emancipação individual e coletiva, a autodeterminação esclarecida e a vigilância e o controlo das elites por parte das populações.

No contexto do nacionalismo providencialista do Estado Novo, a divulgação cultural ganhava, ainda, o significado de um ato de resistência destinado a salvaguardar a racionalidade moderna no seio de uma comunidade nacional que escutava o Presidente da Academia das Ciências, Júlio Dantas, declarar «a falência maciça e integral da ciência nas suas tentativas de explicação da vida, do Universo e do Homem.»

Na origem da Biblioteca Cosmos esteve uma sugestão de Bento Gonçalves a Manuel Rodrigues de Oliveira quando ambos se encontravam presos: «tudo começou em Angra, um dia, Bento Gonçalves disse-me que fazia falta uma biblioteca de difusão cultural, semelhante à Biblioteca do Povo e das Escolas.»

Virados um par de anos, Manuel Rodrigues de Oliveira e os seus sócios nas Edições Cosmos, convidaram Bento de Jesus Caraça para dirigir a coleção, que aceitou a proposta, desde logo por permitir concretizar o desejo antigo de publicar uma «pequena enciclopédia popular racionalista.»



Com capa uniforme, de autoria de Carlos Botelho, as obras da Biblioteca Cosmos distribuíram-se por sete secções, cada uma delas com a sua própria cor. Sobressai a 1.ª Secção - Ciência e Técnica, pelo volume de títulos publicados, enquanto a 6.ª Secção - Epopeias Humanas, se limitou a incluir o livro que tinha inaugurado a coleção.

As indicações transmitidas por Caraça aos autores, e refletidas nas obras, insistiram na necessidade de aliar o rigor do especialista à clareza e à acessibilidade da linguagem, indispensáveis para o grande público. A par destes traços fundamentais em qualquer texto de divulgação, Bento de Jesus insistiu, repetidamente, na necessidade de conferir enquadramento histórico às matérias tratadas. *Conceitos fundamentais da Matemática*, de sua autoria, ilustra cabalmente esta preocupação de interpretar a evolução do conhecimento no âmbito de uma visão geral da história universal.

A inspiração, acima referida, que levou a Biblioteca Cosmos a tomar a Biblioteca do Povo e das Escolas como referência não pode deixar de ser relevada. Por um lado, os objetivos declarados mostraram-se afins: «formar uma enciclopédia de conhecimentos humanos (...) onde ninguém deixará, por tão diminuto preço, de alcançar gradualmente a instrução, a ciência, a explicação de tantas maravilhas da Natureza e do génio artístico, a sabedoria enfim», nas palavras de David Corazzi e de Xavier da Cunha, seus responsáveis. Por outro lado, a iniciativa tinha-se mostrado um empreendimento marcante e ímpar, ao publicar 237 obras, entre 1881 e 1913.

Numa era em que se acreditava que a propagação das luzes permitiria alcançar a racionalidade na administração das coisas humanas, em maior ou menor grau, da conquista da integridade pessoal e cidadã à salvaguarda do bem comum ou, mesmo, ao deperecimento do Estado, o empenho posto na difusão cultural foi uma constante premente e multimoda.

A Biblioteca Cosmos ilustrou este desígnio de modo eloquente, o mesmo acontecendo, aliás, com outras iniciativas temporal e programaticamente próximas, como as coleções publicadas pela Seara Nova, os cadernos da Editorial Inquérito ou a Coleção Saber, das Publicações Europa-América. O propósito de proporcionar uma sólida cultura geral a partir de obras com leitura acessível e de baixo preço foi de tal modo compartilhado, que muitos dos temas focados, e dos autores que os abordaram, acabaram por coincidir.

Todo este movimento editorial acompanhou iniciativas similares que atravessavam a Europa, quer como fonte de inspiração, como aconteceu com a Biblioteca do Povo e das Escolas, afim à Biblioteca del Popolo - Propaganda d'Istruzione, publicada por Edoardo Sonzogo, em Milão, quer na seleção

dos originais de muitas das traduções publicadas, oriundos dessas coleções, quer, ainda, através da generalização da brochura e do livro de bolso ou, mesmo, da redefinição das modalidades de assinatura e dos circuitos de venda.

Neste quadro geral movido pelo pressuposto da índole emancipatória das luzes e da sua propagação, a publicação de *Quadro dos progressos do espírito humano*, do Marquês de Condorcet, na Biblioteca Cosmos, ganha um significado peculiar, pois é comumente reconhecido como a súpula do legado que o século XIX deixou às centúrias vindouras. Nas suas páginas, este infortunado enciclopedista procedeu não só à periodização sequencial e cumulativa dos progressos culturais e das conquistas civilizacionais da Humanidade como anunciou, igualmente, a era em que os humanos teriam a razão como soberana única. Advogou, para o efeito, o ensino público universal, gratuito e laico, o que o ergueu à condição de referência maior da escola pública republicana, o instrumento por excelência da difusão metódica do saber.

Em qualquer circunstância, com ou sem escola pública generalizada, a pertinência das iniciativas de concidadãos mostrava-se igualmente decisiva e progressiva, nos colóquios e nos debates, nas universidades informais, nas instituições solidárias de instrução pública, nas bibliotecas populares, entre muitos outros empreendimentos congêneres, nos quais a Biblioteca Cosmos e a ação do autor de *A cultura integral do indivíduo — problema central do nosso tempo* conquistaram lugar de destaque.

Lúis Crespo de Andrade  
julho de 2022

<sup>1</sup> Cf. Cap. Hermes de Araújo Pereira - *O submarino*. Lisboa: Edições Cosmos, p. 266-271.

<sup>2</sup> Bento de Jesus Caraça - *Conferências e outros escritos*. Lisboa: [s. n.], 1978, p.8.

<sup>3</sup> *Idem, ibidem*, p.138

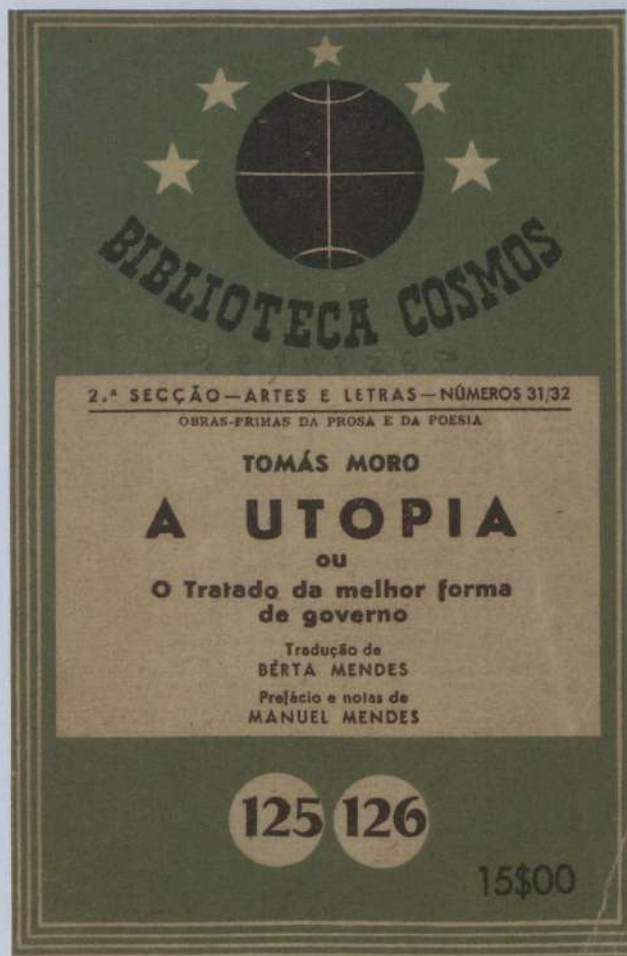
<sup>4</sup> *O Primeiro de janeiro* (14 de dez. de 1944)

<sup>5</sup> Lúis Crespo de Andrade - «Testemunhos da história cultural e política do século XX». *Vértice*. S.2, n.º 100 (maio-jun. 2001), p. 139.

<sup>6</sup> Cf. Manuela D. Domingos - *Estudos de sociologia da cultura. Livros e leitores do século XIX*. Lisboa: Instituto Português do Ensino à Distância, 1985, p. 25.

<sup>7</sup> Cf. Vitor Bonifácio - «Um modelo para a Bibliotheca do Povo e das Escolas: a Biblioteca del Popolo» in António Manuel Lopes Andrade e Maria Cristina Carrington (coords.) - *Do manuscrito ao livro impresso I*. Aveiro-Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; UA - Universidade de Aveiro, 2019, p. 313-339.







Fotografia Bento de Jesus Caraça  
FMSMB/Bento de Jesus Caraça 10385.001.008

Comissários

Joana Lima, Luís Crespo de Andrade e Luís Saraiva